



**Entre olhares nativos e ocidentais: documentários indígenas segundo a
visão de jovens índios e não-índios**

Rafael Pereira Simonetti¹

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo principal realizar um estudo sobre as recepções de alunos indígenas e não-indígenas de três escolas públicas a respeito de três documentários do programa *Vídeo nas Aldeias*: a Escola Estadual Ruth Lemos e a Escola Municipal Moacyr Teixeira localizadas na zona norte de Londrina, e a Escola Estadual Benedito Rokag na Aldeia Apucarantina. Com diferentes documentários selecionados para cada escola – *Quando Deus visita a aldeia*; *Nossas terras*; *Do outro lado do céu* – este trabalho permitiu analisar os “olhares” destes sujeitos pertencentes a meios sociais específicos sobre produções audiovisuais que dizem respeito a questões de comunidades indígenas.

Palavras-chave: Vídeo nas Aldeias. Estudos de recepção. Questões indígenas.

Abstract

The present work had as a main objective the conduction of a study about the reception of indigenous and non-indigenous students of three public schools about three documentaries of the program *Vídeo nas Aldeias*: Escola Municipal Moacyr Teixeira and Escola Estadual Ruth Lemos, in the northern zone of the city, and Escola Estadual Benedito Rokag in American Indian Reservation Apucarantina. With different documentaries to each school - *Quando Deus visita a aldeia*; *Nossas terras*; *Do outro lado do céu* – this work allowed to analyze the “view” of these individuals that are part of specific social environments on these visual productions about indigenous communities.

Keywords: Vídeo nas Aldeias. Reception studies. Indigenous discussions.

Introdução

O programa *Vídeo nas Aldeias* (VNA), de iniciativa de Vincent Carelli, é um projeto que desperta “olhares” sobre questões envolvendo diversos grupos étnicos de indígenas do Brasil. São diversas produções audiovisuais com temáticas

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá, especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista – campus de Marília.



relacionadas aos povos autóctones, com trabalhos feitos tanto por índios quanto por não-índios. O VNA, assim, se compromete em levar tecnologias de comunicação para as comunidades indígenas com o intuito de realizar vídeos que despertem seus interesses em transmitir mensagens às pessoas que não fazem parte de suas comunidades, além de ser um meio para desmistificar estereótipos e preconceitos.

Este trabalho é parte do resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso da especialização em Comunicação Popular e Comunitária na Universidade Estadual de Londrina (UEL), concluído em 2014. Foi feita uma análise das produções já realizadas através do VNA e, a partir da observação dos conteúdos dos vídeos, foram selecionados três deles a serem mostrados para três grupos sociais em momentos diferentes. O critério adotado para estas escolhas foi selecionar vídeos que tivessem mensagens distintas a serem transmitidas, a fim de abordar três questões centrais envolvendo indígenas no país: os conflitos de terras, os contatos entre índios e não-índios e as diversidades étnicas.

A série *Índios no Brasil*, vinculada ao VNA e financiada pelo Ministério da Educação, com o intuito de estimular o exercício do “olhar” de não-índios sobre índios, produziu uma série de vídeos que atendem às questões buscadas neste trabalho. Assim, os documentários da série escolhidos foram: *Nossas terras*; *Quando Deus visita a aldeia*; *Do outro lado do céu*. O primeiro trata a questão de conflitos de terras; o segundo, o contato entre índios e não-índios; e o último, as diversidades étnicas de alguns povos indígenas do país.

Uma das funções das produções audiovisuais desta série é atender às demandas da Lei nº 11645, de 10 de março de 2008, que diz respeito à introdução de estudos das culturas afro-brasileiras e indígenas na Escola Básica (BRASIL, 2008). A partir deste intuito de vincular os vídeos com o processo educacional no país, o presente trabalho procurou investigar como os estudantes estão tendo contato com as culturas indígenas. Para a realização das atividades, portanto, foram selecionados alunos de três escolas de Ensino Básico (Ensino Fundamental e Médio) que foram divididos para assistirem os documentários de acordo com as escolas em que estudam.

A escolha das escolas se fez baseada na intenção de analisar os “olhares” de estudantes indígenas e não-indígenas sobre os vídeos selecionados. Os dois colégios de estudantes não-indígenas selecionados, no município de Londrina, foram: a Escola Municipal Moacyr Teixeira e a Escola Estadual Ruth Lemos. Trata-se de escolas da Zona Norte da cidade, em uma região periférica – que será detalhada mais adiante – na qual permitiu enxergar a influência de fatores e de relações



externas do meio social em que as crianças estão inseridas nos resultados das atividades. A faixa etária das crianças variava entre nove e doze anos.

Sobre os estudantes indígenas, a Escola Estadual Benedito Rokag foi escolhida para a realização das atividades por causa de sua localização: situa-se na Reserva Indígena Apucarantina, próxima do município de Tamarana, sendo a Reserva mais próxima de Londrina, de ocupação tradicional Kaingang. O convite para participar da atividade foi feito aos alunos que estavam em período de recuperação; portanto, não tinham muitos alunos para fazer uma seleção por faixa etária. O resultado foi a participação de indígenas de diferentes idades.

Os vídeos direcionados aos alunos das escolas foram: *Nossas terras* aos da Moacyr Teixeira, *Quando Deus visita a aldeia* aos da Ruth Lemos e *Do outro lado do céu* aos da Benedito Rokag. A justificativa se baseia no propósito em discutir “conflitos de terras” e “olhares de não-índios sobre índio” com os alunos que poderiam estar começando a ter contato com estas questões envolvendo indígenas, e “diversidades étnicas” com os alunos Kaingang com o intuito de analisar a visão deles sobre outras etnias.

As atividades se basearam nos estudos de recepção desenvolvidos por autores latino-americanos (GÓMEZ, 2002a, 2002b; GONZÁLEZ, 2011; MARTÍN-BARBERO, 1995), visando compreender a relação entre emissor, meio e receptor, observando as influências externas a esta relação – como o meio social em questão. Os vídeos foram mostrados aos alunos e, com a intenção de visualizar as recepções e relacioná-las com o universo social deles, foram feitas discussões após os documentários. Para transmitir informações sobre especificidades das etnias retratadas nos documentários, utilizou-se o endereço eletrônico *Povos Indígenas no Brasil*² como fonte a ser consultada antes das atividades, com o intuito de utilizá-la nas discussões e para responder dúvidas que poderiam surgir.

O trabalho, portanto, teve o compromisso de mostrar o VNA como uma prática de Comunicação Comunitária, definida enquanto uma vertente da Comunicação atrelada a interesses comunitários e ao exercício da cidadania (MIANI, 2011; PERUZZO, 2009). Além disso, mostrar os documentários aos alunos da Escola Básica foi uma iniciativa de levar as discussões propostas como apoio a uma educação crítica em relação a conflitos indígenas, diversidades étnicas e cultura.

² Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em 09 de maio de 2014.



O vídeo nas aldeias como instrumento educacional

O projeto *Vídeo nas Aldeias* (VNA) foi criado em 1986, a partir de atividades realizadas pela ONG Centro de Trabalho Indigenista. Inicialmente, Vincent Carelli fez um vídeo com o grupo étnico Nambiquara e, posteriormente, levou esta experiência para outros povos. Apenas em 1997 se realizou a primeira oficina de formação, na aldeia Xavante de Sangradouro, distribuindo câmeras e equipamentos de filmagens para que os próprios indígenas fizessem gravações.

O projeto tomou repercussão pelas comunidades indígenas do país, assim como despertou interesses internacionais. As temáticas envolvendo suas gravações condizem com interesses das comunidades em desmistificar estereótipos, levantar discussões sobre conflitos de terras, mostrar aspectos culturais singulares, registrar contatos interétnicos, e também produzir filmes de ficção. Em 2000, o VNA tornou-se uma ONG independente, e atualmente já contabiliza mais de 70 produções, com premiações nacionais e internacionais³. A educadora e fundadora do Programa de Formação de Professores Indígenas da Comissão Pró-Índio do Acre, Nietta Lindenberg Monte, assim o define:

Parte de uma rede de organizações não-governamentais com atuação em terras indígenas, o VÍDEO NAS ALDEIAS constrói sua trajetória particular no cenário do novo indigenismo brasileiro ao apresentar uma renovada proposta educativa junto aos povos indígenas e à sociedade brasileira e internacional. Seu trabalho tem obtido reconhecimento como marco de referência original não só pelo rico acervo etnográfico que acumulou em 18 anos, mas pelos processos educacionais interculturais que estão na origem e nos fins de sua produção audiovisual. (MONTE, 2004).

As produções feitas no interior das comunidades, com gravações que inclusive utilizaram línguas locais, tem o objetivo de se apropriar do audiovisual em prol de interesses próprios, enfrentando a entrada de produções globalizantes no cotidiano das aldeias. Além disso, desperta o reconhecimento para fora das comunidades, dando visibilidade a povos que permaneciam ou invisíveis à sociedade, ou vistos de forma distorcida por ela.

Flávia Almeida Imoto (2009), em seu trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, na USP, aponta a importância da atuação de ONGs a favor dos interesses de indígenas como forma de suprir a precariedade de políticas afirmativas. Ela afirma que, com a Constituição de 1988, os índios passaram a ter mais importância enquanto cidadãos dotados de direitos. No entanto, a ainda falta de interesse do governo em garantir

³ Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.



territórios a estes povos, assim como preservar suas culturas, fez com que outros cidadãos indígenas e não-indígenas se mobilizassem através de ações independentes. Com isso, a importância do VNA na luta pela causa se mostra necessária em um ambiente marcado por disputas de terras e pela lógica desenvolvimentista do sistema.

A série *Índios no Brasil* foi uma importante iniciativa do VNA em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e veiculada com a TV Escola, feita no final dos anos 1990 com o intuito de capacitar professores sobre questões envolvendo os indígenas. Os vídeos também foram disponibilizados em canais abertos como a TV Cultura e a TV Educativa.

Compromissado com o desenvolvimento da educação no país, o programa é um exemplo da utilização de produção audiovisual para fins educativos. Segundo Gómez (2002a), ao fazer bom uso das ferramentas e das produções midiáticas nas escolas, cria-se uma ponte para o desenvolvimento da cidadania e também como forma de expressão cultural. No entanto, o autor afirma que os usos das novas tecnologias não atingem seus objetivos em benefício à população de muitas sociedades contemporâneas:

O que estamos requerendo, sobretudo nos países consumidores, não produtores de novas tecnologias, como os latino-americanos, é uma série de estratégias que permitam a nossas sociedades aproveitar o potencial da tecnologia para nossos próprios fins e de acordo com as nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas. (GÓMEZ, 2002a, p. 58).

Portanto, o que ocorre muitas vezes, segundo o autor, é a introdução e desenvolvimento de uma determinada tecnologia que atenda aos interesses mercadológicos e políticos (GÓMEZ, 2002a, p. 61). Sua relação com interesses na área da educação, por sua vez, tem a possibilidade de modificar esta lógica atrelada ao progresso do sistema, que ao mesmo tempo mostra ser excludente no sentido de permitir que apenas uma pequena parcela da população usufrua das novas tecnologias. A série *Índios no Brasil* cumpre este objetivo de permitir que os indígenas transmitam informações a seu respeito como forma de material audiovisual utilizado para instruir educadores e educandos.

Uma breve narração de

Nossas terras, Quando deus visita a aldeia e Do outro lado do céu

Cabe, agora, realizar uma descrição dos conteúdos dos vídeos selecionados para o estudo de recepção, antes de analisar os resultados encontrados.



Em *Nossas terras*, Ailton Krenak, da etnia Krenak, inicia a narração no documentário falando que a televisão, ao tratar sobre os indígenas, mostra principalmente conflitos de terras envolvendo índios e não-índios. Em seguida, há opiniões de não-índios sobre o tema, alegando que na verdade os indígenas já possuem muitas terras - opiniões estas que são rebatidas por índios que alertam para o interesse que o “homem branco” tem em suas terras.

O vídeo mostra a importância cultural das terras da etnia Baniwa a partir de suas crenças sobre a criação do mundo. Um Baniwa explica que, segundo estudos científicos, seu povo vive na região do Amazonas, na fronteira com a Venezuela, há mais de 2000 anos. Porém, o indígena afirma que eles sempre viveram por lá, e argumenta que a nascente do Rio Negro tem formato de uma vagina, simbolizando o nascimento de seu povo naquela região.

Os Ashaninka também são retratados no documentário, com foco na necessidade que este povo teve de se deslocar do território por conta da exploração de seringueiras pelos não-índios. Este povo, vivendo na região do Acre, começou a se organizar para impedir a entrada dos “patrões” (termo usado para designar os exploradores) em seus territórios, conseguindo obter o direito de demarcar sua reserva.

Os Kaingang, no documentário, afirmam que suas lutas com os não-índios são marcadas por retomadas de territórios. Ocupando várias áreas da região sul, uma Kaingang alerta para o crescimento populacional de seu povo em contraste com a perda de suas terras. Conta que muitos indígenas foram trabalhar de boia-fria em terras que eram suas anteriormente. Suas lutas passaram a ser abarcadas por projetos governamentais que visam a retomada de seus territórios.

Este documentário permite a reflexão sobre os conflitos territoriais que ocorreram e ainda ocorrem no território brasileiro. Os realizadores do VNA se preocuparam em retratar opiniões divergentes sobre o assunto, assim como a repercussão midiática sobre a questão, mas tendendo para a quebra do discurso ideológico que prejudica os direitos adquiridos pelos índios.

Em *Quando Deus visita a aldeia*, três jovens não-indígenas – Rita, Samara e Miguel -, acompanhados por Ailton Krenak, visitam uma aldeia da etnia Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Rita estranha a organização da aldeia, pois não tinha casas em volta de um pátio, como ouvira falar, mas havia casas espalhadas sem seguirem um padrão. Samara percebe que não havia tanta mata quanto ela imaginava. Miguel frisa que não tinha mais mata por conta do processo de desenvolvimento agrícola iniciado por colonizadores. Também houve incômodo por parte deles por causa das roupas que os indígenas estavam usando, “sujas” e “maltrapilhas”.



O índio Daniel Kaiowá fala um pouco sobre uma das crenças de seu povo, que era a visita de um dos deuses na terra. Segundo ele, esta visita acontece quando chove, momento em que este deus passa pela aldeia através de nuvens carregadas, indo visitar outros deuses. Durante estas ocasiões, os caciques da aldeia rezam. Daniel também dá breves ensinamentos sobre outros espíritos e seus graus hierárquicos dentro da cosmologia Kaiowá.

A visão positiva dos jovens a respeito dos Kaiowá se deu pela alegria com que foram recebidos por eles, assim como seus cantos e suas danças. Também elogiaram o fato de eles usarem plantas medicinais em contraste com os remédios químicos de alto custo das cidades.

O assunto que era mais discutido com os jovens, segundo Rita, era a questão territorial. Daniel expõe seus argumentos contra a tomada de terras pelos brancos, falando sobre a conseqüente extinção de povos indígenas e o prejuízo deixado para o seu povo.

A partir desta experiência audiovisual, é possível que o espectador entre em contato com o estranhamento dos jovens não-índios a respeito das especificidades do povo Kaiowá. Eles mostraram que foram surpreendidos com a visita na aldeia, pois houve, tanto decepções sobre suas condições materiais e territoriais, quanto satisfações pelo acolhimento dos Kaiowá e pela manutenção de suas tradições.

O documentário *Do outro lado do céu* mostra aspectos religiosos e místicos de três grupos étnicos: os Yanomami, de Roraima, os Pankararu, de Pernambuco, e os Maxacali, de Minas Gerais. Ailton Krenak, mais uma vez presente neste vídeo, conversou primeiramente com indígenas Yanomami. Um deles explica sobre o deus Omama, sendo ele o criador de tudo e responsável por mudanças climáticas e pela oferta de alimentos e recursos naturais.

A respeito dos Pankararu, Ailton informa os espectadores que eles creem em espíritos denominados de "encantados", e que é através destes que é possível entrar em contato com o Criador. Estes espíritos são invocados através do ritual *toré*. Uma fala de uma índia Pankararu mostra as festas tradicionais de seu povo e seus significados. Outra índia explica que há o costume entre eles de os pais fazerem promessas aos encantados pelos seus filhos quando estes adoecem, e que comemoram a cura através de festas.

Ailton Krenak apresenta os Maxacali como uma etnia que possui uma identificação muito forte com a religião. Um indígena Maxacali fala sobre a morada dos espíritos dos quais eles creem, sendo que sua localidade pode ser para além do céu ou no mundo terreno. Explica que os espíritos responsáveis pelos sonhos ruins das pessoas são aqueles que vivem no mundo terreno. Também trata sobre a



função do pajé em espantar os espíritos ruins que fazem com que as pessoas adoçam. Outro índio fala da influência xamânica do gavião em suas crenças.

O documentário é rico em informações sobre aspectos culturais das três etnias retratadas, possibilitando a visão de suas especificidades enquanto identidade cultural. Além disso, os aspectos visuais também possibilitam que o espectador veja as danças, os ritos e as brincadeiras que são narradas no vídeo.

O estudo da recepção posto em prática

A atividade com os alunos da escola Moacyr Teixeira foi realizada com apenas duas alunas que aceitaram o convite. Este colégio público fica no Conjunto Habitacional Violin, na zona norte de Londrina. Portanto, seus alunos são crianças inseridas em um universo urbano.

Sobre a região em que a escola se situa, Andréa Rodrigues dos Santos Beidack (2011), doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, contextualiza a zona norte a partir da modernização da cidade de Londrina na década de 1970. A região passou a receber conjuntos habitacionais pela Companhia de Habitação de Londrina (Cohab-Ld), oferecendo moradia para a população de baixa renda através do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e Banco Nacional de Habitação (BNH). Beidack assim a descreve:

Após a construção dos conjuntos habitacionais e a dotação de infra-estrutura o solo urbano da zona norte foi fortemente valorizado e esta porção da cidade passou a ser alvo dos investimentos de capital privado em loteamentos e atividades industriais, comerciais e prestadoras de serviços. Nos dias atuais, a zona norte concentra um grande mercado consumidor de diferentes níveis sócio-econômicos. (BEIDACK, 2011, p. 140).

Beidack ainda afirma que os trabalhadores da região são predominantemente empregados do setor terciário da economia da cidade. Além disso, seus moradores não mantiveram relações de passividade perante o poder público, organizando-se em associações de bairro e fazendo as exigências necessárias para o bom desenvolvimento da zona norte (BEIDACK, 2011, p. 148). Como exemplo, a população conseguiu a construção do Centro Comunitário do Conjunto Aquiles Stenghel, o espaço utilizado para a exibição dos vídeos deste trabalho.

Antes de iniciar o vídeo selecionado – *Nossas terras* –, expliquei alguns termos que aparecem no documentário e que eu acreditava que elas não teriam conhecimento, como “hectare”, “demarcação”, “terras loteadas”, “reforma agrária”, “FUNAI” e “reintegração de posse”. Perguntei se elas conheciam algum termo, e me



falaram que sabiam o significado de “terras loteadas”, explicando que eram pedaços de terras.

Quando terminou o vídeo, perguntei o que acharam. Elas falaram que foi interessante, complementando-se uma na fala da outra, e que achavam uma injustiça o que fazem com os índios, pois não era certo tirar terras deles se eles já estavam nelas antes do que os “brancos”. Além disso, uma delas falou que eles protestavam de forma pacífica, diferente de “nós”. Questionei-a sobre isso, e ela respondeu: “porque quando a gente protesta faz bagunça, briga, usa armas”.

Perguntei o que elas ouvem falar sobre índios. Também foram iguais nas respostas: escutam que “índio é folgado, que não trabalha, que só quer saber de terra, mas sem trabalhar”. Uma aluna falou: “na verdade a gente que é folgado, pois compramos coisas no mercado quando precisamos, mas os índios quando precisam, eles mesmos fazem, caçam”.

Questionei o que a família de cada uma falava a respeito do assunto. Uma delas falou que sua tia dizia que índio não serve para nada. A outra garota disse que sua mãe pensa como ela mesma. Perguntei a respeito do que aprenderam na escola sobre isso, e como era a comemoração no Dia do Índio. Sobre este, falaram que pintavam o rosto como índias. Mas, coincidentemente, no mesmo dia em que fiz esta atividade com elas a professora mostrou, em sala de aula, que havia bastante índio na história de Londrina. Aprenderam palavras indígenas através de um livro doado à escola pelo museu da cidade. Perguntei se aquelas palavras eram em Kaingang e elas confirmaram que sim.

Sobre como elas achavam que os índios viviam hoje em dia, uma aluna respondeu que “melhor do que no passado, pois agora usam roupas, tecnologia, mas que continuam fazendo coisas deles, como caçar”. Porém, afirmou que eles não poderiam fazer coisas que faziam antes, como andarem sem roupas.

Sobre elas conhecerem algum indígena pessoalmente, as duas falaram que sim, e que havia uma amiga delas que tinha mãe indígena. Questionei se conheciam mais algum, e uma delas confirmou que sim, pois já viu vários na cidade, como em ônibus, ruas e hospital. Já a outra respondeu “não”, apenas através da TV.

Perguntei se sabiam o que significavam a palavra etnia. Uma aluna perguntou: “é tipo Kaingang?” Respondi que sim, que explicaria melhor a respeito do termo depois, mas queria saber se elas sabiam se os índios que conheceram eram Kaingang. Afirmaram que achavam que eram desta etnia.

Após o questionário, dei algumas explicações sobre alguns pontos da questão. Falei sobre o conceito de “etnia” e dei algumas informações sobre o



sistema de organização das etnias tratadas no vídeo e sobre a cosmologia de cada uma.

Durante a explicação sobre o sistema de crenças do primeiro grupo étnico apresentado, os Ashaninka, perguntei às meninas se elas tinham alguma religião e qual era. Ambas responderam que são católicas, e uma delas falou que sua mãe lhe disse que “temos que respeitar todas as religiões, pois Deus é um só”. Foi a partir desta informação que comparei a crença dos Ashaninka no universo dividido em diferentes níveis com a semelhança na crença dos cristãos. Porém, como fator diferente, mostrei que os espíritos bons e maus transitam entre os diversos níveis para estes índios.

Ao começar a falar sobre os rituais, uma aluna afirmou que já conhecia um que viu na TV: “Conheço um, mas não sei de que índio é, mas os meninos põem a mão em uma luva cheia de formigas, e se eles conseguirem aguentar eles viram homens, senão, não”.

Após apresentar as informações sobre as três etnias, mostrei alguns slides de indígenas nos dias de hoje. No primeiro havia um índio com roupas tradicionais e com uma filmadora na mão. Em outra, uma escola indígena. Na última, uma mulher Kaingang fazendo artesanato, sentada no chão, usando um short do Palmeiras. Expliquei sobre as misturas de culturas que há hoje em dia, e que há muitos povos indígenas que não estão isolados, mas que também não perderam todas as suas características específicas.

No fim da discussão, perguntei se já tinham ouvido falar sobre Apucarantina. Uma delas respondeu que sim, que sua professora falou que é uma reserva indígena Kaingang. Confirmei, e falei que era a reserva mais próxima da cidade.

Depois da atividade com estas alunas, mostrei o vídeo *Quando Deus visita a aldeia* para 14 alunos da Escola Estadual Ruth Lemos. As idades variavam de 10 a 11 anos. O colégio, assim como o Moacyr Teixeira, localiza-se na zona norte da cidade de Londrina, no Conjunto Luiz de Sá, fazendo parte do mesmo contexto urbano e periférico desta escola.

Terminado o vídeo, discutimos sobre ele. As crianças acharam interessante, principalmente o fato de Deus visitar a aldeia através da chuva, como explicou um indígena do vídeo sobre esta crença Kaiowá. A respeito de como eles achavam que viviam os índios, falaram que vivem mal, sem roupa, sem banheiro, necessitando pedir comida e dinheiro na rua e nas casas da cidade. Um deles falou que viver no mato, como os índios, é muito ruim, repetindo as mesmas queixas já comentadas, argumentando que “índio vive pior que favela”.



Perguntei se eles achavam que antigamente os indígenas viviam melhor, e responderam que sim. Questionei-os sobre esta resposta, já que eles deram argumentos de que tinham uma qualidade de vida pior em comparação com pessoas da cidade, mas que no passado eles também tinham a mesma vida que me descreveram, considerando esta “vida no mato” da qual me falaram. Mas, se justificaram dizendo que, hoje em dia é pior, pois eles têm menos terras. Uma menina falou que sua professora de História e Geografia ensinou que antes da chegada dos portugueses no Brasil, os índios tinham mais terras. Um dos meninos falou que hoje eles têm que competir com o governo para conseguirem terras.

Sobre a comemoração do Dia do Índio nas escolas, disseram-me que não comemoram mais, apenas quando eram menores, se pintando e fazendo danças. A respeito do que a família acha sobre os índios ninguém deu relatos de opiniões boas ou ruins. Apenas houve o comentário de uma menina dizendo que sua mãe ajudou uma índia uma vez que foi na sua casa pedir comida.

Perguntei, então, o que já viram de notícia na TV, rádio ou internet sobre indígenas. Um menino respondeu que já viu notícia sobre índios invadindo terras que não eram deles. Outro garoto falou que tinha visto naquele mesmo dia uma matéria na TV sobre indígenas invadindo um lugar do governo em São Paulo.

A maioria das crianças afirmou que já havia visto índios pessoalmente, vários em Londrina. Falaram novamente o que já haviam dito sobre eles, que viam eles nas ruas pedindo dinheiro, comida, e vendendo artesanato. Questionei se sabiam a qual etnia pertenciam, e me perguntaram o que significava “etnia”. Após minha explicação, um deles perguntou “é que nem Guarani, Tupi?”.

A respeito de terem visitado alguma aldeia, um menino falou que sim, que ficava em Londrina mesmo. Pedi para que ele a descrevesse, e me contou que tinham casas em uma floresta, e que só podia entrar quem eles permitiam. Outras crianças falaram que tinham indígenas que moravam perto da região do espaço cultural, mas que não sabiam se ainda viviam por lá.

Perguntei se conheciam a Aldeia Apucarantina. Uma menina falou que sua professora já tinha falado sobre ela, mas que não lembrava ao certo o que era. Conteí um pouco sobre a reserva, e também sobre como eram diferentes os índios de hoje comparando com os de antigamente, dando como exemplo o fato de que eles frequentam escolas, e que inclusive havia escolas indígenas. A mesma menina falou que já ouviu falar sobre estas escolas, que lá se ensinavam os costumes deles. Falei que não era exatamente desta forma, pois eles tinham as mesmas disciplinas que os não-índios, e que em Apucarantina também tinham uma disciplina sobre a língua local.



Antes de falar sobre o documentário passado para os alunos da escola indígena, é necessário dar informações sobre ela. A reserva indígena Apucarantina localiza-se próxima ao município de Tamarana. O ambiente é bem diferente do contexto urbano das outras escolas desta pesquisa, pois além de se tratar de um ambiente rural, o estilo de vida dos indígenas que observei em minha visita à reserva tem uma mescla de características tradicionais Kaingang e elementos semelhantes ao estilo de vida de não-índios. Na escola em que fiz a atividade, por exemplo, observei que os alunos conversavam na língua materna entre eles. Outros fatos são a diretora da escola também ser Kaingang e haver placas demarcando os lugares do espaço escolar em português e em Kaingang. Em contraste, o que chama a atenção a quem não tem contato com a realidade de muitos indígenas contemporâneos são as vestimentas e os aparelhos eletrônicos das crianças e jovens de Apucarantina.

O convite para a participação da atividade de exibição do documentário *Do outro lado do céu* na Escola Benedito Rokag foi feito para os alunos que estavam em período de recuperação. Cinco pessoas participaram efetivamente da atividade, e somente rapazes: um de 12 anos, outro de 14, outro de 17 e outros dois de 28 anos. O primeiro e o segundo são alunos do 6º ano, o terceiro do 8º e os dois últimos do 2º ano do Ensino Médio. Eles tinham características muito parecidas com elementos urbanos, como roupas e cortes de cabelo com uso de gel, alguns até mesmo tingidos, além de tatuagens.

Quando iniciei o vídeo, no começo havia 6 rapazes, mas dois saíram no começo e foram entrando e saindo mais gente, totalizando 9 alunos, entre eles duas garotas que também não ficaram por muito tempo. Ainda no começo, entraram a diretora e o cacique da aldeia e ficaram em torno de um minuto na sala, saindo depois sem se dirigirem a mim em nenhum momento. No meio do filme entrou o professor de Sociologia, ficando até o final. Durante a maior parte do tempo, os índios ficaram atentos ao filme, apenas fazendo alguns comentários entre eles em Kaingang.

Ao terminar o vídeo, iniciamos a discussão com os 5 rapazes que ficaram, junto com o professor presente. Tentei fazer perguntas, como o que acharam do vídeo, o que tinha de diferente entre os indígenas mostrados e eles, assim como o que tinha de igual, mas quase não me respondiam e faziam poucos gestos de afirmação e negação com a cabeça.

Quando perguntei o que acharam de mais interessante, um dos rapazes mais velho respondeu que foi a dança, pois no filme havia alguns rituais com danças. Aproveitei para perguntar como era a dança tradicional deles, mas não me



responderam. O professor tentou me ajudar perguntando sobre como era os trajes que eles usavam para a dança. Um índio falou que eles não usavam roupas na hora de dançar. Perguntei sobre como era o material destes trajes que não eram roupa, mas não souberam me informar.

Falei um pouco sobre as crenças que foram apresentadas sobre as etnias do documentário, e quando falei sobre o deus Omama dos Yanomami, um dos rapazes fez uma cara de desprezo. Percebi que ele estava usando uma camiseta cristã. Perguntei sobre como eram as crenças e a religião deles, se alguém saberia me dizer alguma coisa sobre deuses ou espíritos que os Kaingang cultuavam. Um deles me respondeu que havia um deus que criou primeiro os índios e depois os brancos, mas não deu mais detalhes.

Após comentar sobre as diferenças entre os povos indígenas, perguntei se alguém conhecia algum outro índio que não pertencia à aldeia. Um rapaz falou que sim. Questionei se ele era diferente de Kaingang, mas ele falou que não, e sim que era de outra reserva. Tentei questioná-los se seria interessante conhecer outros índios de outras etnias, e por que seria interessante, mas apenas me respondiam com a cabeça que gostariam de conhecer, mas sem justificativas.

Considerações finais

Este exercício de análise da recepção de crianças não-indígenas e de crianças, jovens e adultos indígenas sobre os vídeos selecionados do *Vídeo nas Aldeias* permitiu fazer algumas considerações sobre o modo como as atividades foram executadas e sobre as reações dos alunos.

O reconhecimento da realidade social dos alunos foi de extrema importância para que a recepção fosse analisada de forma completa, considerando os estudos latino-americanos representados por Gómez, González, e Martín-Barbero. Estes pensadores frisam a importância de usar uma mídia em um determinado meio social com a intenção de fazer a relação entre a mensagem passada e o contexto em que o receptor está inserido. Sendo assim, ao considerar dois meios sociais distintos para a realização deste trabalho - uma reserva indígena e uma zona periférica urbana -, foi importante ponderar sobre as diferentes percepções resultantes de influências contextuais dos alunos.

As influências dos meios sociais e das informações midiáticas com as quais as crianças das escolas de Londrina tiveram contato puderam ser captadas através de suas falas nas discussões após os filmes. A comparação de uma aluna sobre os modos como os não-índios e os índios se manifestavam mostrou sua preocupação com o uso de estratégias consideradas violentas no ato de se manifestar. Pode-se



afirmar também que as impressões marcadas por estas influências externas eram de que o estilo de vida indígena que era apresentado às crianças deixava uma impressão negativa sobre eles, pois em algumas falas dos alunos sobre o assunto havia termos pejorativos sobre os índios, como “folgados” e “invasores”.

A crítica dos alunos a estas impressões, no entanto, revela a influência das mensagens dos vídeos e também do aprendizado na Escola Básica. Como exemplo, as crianças se atentaram à questão da falta de terras para os índios e ao modo como suas reservas foram apresentadas. Sobre estas, a diversidade cultural dos grupos étnicos foi vista de modo positivo pelos alunos; porém, houve divergências quanto às opiniões sobre o modo como eles vivem. Enquanto as meninas da Escola Moacyr Teixeira elogiaram a relação que os índios tinham com o trabalho, fazendo uma tímida comparação com a nossa organização capitalista, um aluno da Escola Ruth Lemos ficou com a impressão de que, para ele, os indígenas viviam de modo precário. Isto pode ter sido consequência do vídeo passado a esta última escola, que apresentava as impressões dos jovens não-índios sobre a reserva dos Kaiowá que visitaram. Contudo, as discussões sobre a necessidade que os indígenas tinham de se manifestarem e exigirem do governo melhorias e direitos às suas terras, deixou a impressão de que as mudanças dependem do compromisso do governo para com estes povos.

A atividade com os alunos de Apucarantina mostrou a dificuldade que tive em dialogar com os indígenas. As impressões que tiveram sobre o vídeo não foram expostas com clareza. Todavia, confirmaram ter curiosidade em conhecer outros grupos étnicos, que era uma das propostas do documentário. Além disso, o “olhar” de estranhamento diante do Outro foi captado, como no caso de o aluno indígena com a camiseta cristã ter feito uma expressão de desprezo sobre minha explicação a respeito do deus Omama.

A metodologia utilizada de usar diferentes vídeos para cada grupo de alunos foi importante para este trabalho, pois possibilitou distintas recepções para também diferentes mensagens a serem transmitidas: conflitos de terras, olhares de não-índios sobre índios e diversidades étnicas. As discussões após os vídeos foram ideias para a análise da interpretação das mensagens.

Em consideração a esta experiência, pode-se notar que o papel da escola em desmistificar preconceitos a respeito dos povos indígenas e desnaturalizar o “olhar” dos estudantes sobre as visões pejorativas a respeito deles é fundamental para que ocorram mudanças em uma sociedade marcada por conflitos, intolerância e incompreensão. Isto vai de encontro à ideia de “racionalidade da relevância” de Gómez, atrelado ao uso de tecnologias midiáticas nos processos educacionais:



Ela parte de tomar explicitamente o meio e a tecnologia aplicada como objeto de estudo e análise, proporcionando uma orientação específica para seu uso como tal e não somente como transmissor (*carrier*), proporcionando também uma orientação para uma determinada interação com os formatos e códigos técnicos e linguísticos dos quais se compõem, na perspectiva de estimular a aprendizagem e não a diversão. (GÓMEZ, 2002a, p. 66).

A utilização dos documentários do *Vídeo nas Aldeias* no processo educacional mostra a importância que os produtos da Antropologia Visual também têm para estes fins, como defendem Gallois (1998) e Peixoto (2001). Contudo, a falha na comunicação entre não-índios e índios, captada na experiência da escola de Apucararinha, permite concluir que há necessidade de elaboração de projetos que possam diminuir os limites da compreensão entre os dois grupos sociais. Para que isto ocorra, deve haver proximidade entre eles, de modo que se crie confiança entre estas relações, e que os indígenas possam reconhecer a eficácia de trabalhos envolvidos em prol de suas causas e de seus direitos enquanto cidadãos.

A partir do presente trabalho, há que se considerar que outros estudos de recepção com indígenas sobre produções audiovisuais realizadas por outros indígenas - ou por não-índios tratando de questões indígenas - poderiam revelar seus olhares sobre os resultados. Estes "olhares" têm como função mostrar críticas vindas do grupo social em questão, assim como a diversidade de recepções a partir dos olhares de diversas etnias.

A respeito dos "olhares" das crianças não-indígenas, é importante destacar a necessidade de se trabalhar melhor questões envolvendo conflitos de terras, diversidades étnicas e mudanças culturais a partir de contatos interétnicos. São desafios da educação, utilizando meios audiovisuais como ferramentas para uso em sala de aula, assim como para discussões e para novas produções que possam ser realizadas por crianças e adolescentes que estão iniciando o contato com questões indígenas.

Referências

BEIDACK, Andréa R. dos S. O olhar do turista da zona norte de Londrina- PR. **RA'EGA**, v. 21, p. 139-165, Curitiba, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11645 de 10 de março de 2008. **História e Cultura Afro-brasileira e Indígena**.

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>.

Acesso em 09 de maio de 2014.



GALLOIS, Dominique T. Antropólogos na Mídia: comentários acerca de algumas experiências de Comunicação Intercultural. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Desafios da imagem**: iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 1998.

GÓMEZ, Guillermo O. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação e Educação 20 anos**. São Paulo: USP, n. 23, 2002a.

_____. Travesías de la recepción en América Latina. In: GÓMEZ, Guillermo O. **Recepción y mediaciones**: casos de investigación en América Latina. Buenos Aires: Grupo editorial Norma, 2002b.

GONZÁLEZ, Rodrigo; OROZCO, Guillermo. Corrientes de investigación para el estudio de audiencias y recepción de medios. In: **Una coartada metodológica**: Abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios e audiencias. Productora de Contenidos Culturales Sagahón Repoll: México D.F., 2011.

IMOTO, Flávia A. **Cinema indígena**: as possibilidades de um novo espaço de resistência cultural. Trabalho de conclusão de curso do programa de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC/ECA, USP, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro W. de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

MIANI, Rozinaldo A. Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático. **Texto** (UFRGS. Online), v. 2, n. 25, p. 221-233, 2011.

MONTE, Nieta L. **A formação dos "realizadores indígenas"**. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=9>>. Acesso em: 09 de maio de 2014.

PEIXOTO, Clarice. Caleidoscópio de imagens: o uso das imagens e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam M. **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. 2ª ed. Campinas: Papiro, 2001.

PERUZO, Cicília M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, Unisinos, v. 11, p. 33-43, São Leopoldo, RS, janeiro/abril 2009.

RICARDO, Fany P. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em 09 de maio de 2014.

Lista dos documentários

Índios no Brasil. **Do outro lado do céu**. Diretor: Vincent Carelli. 18 min. 2000. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=40>. Acesso em 17 de julho de 2014.

Índios no Brasil. **Nossas terras**. Diretor: Vincent Carelli. 20 min. 2000. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=52>. Acesso em 17 de julho de 2014.



Índios no Brasil. **Quando deus visita a aldeia.** Diretor: Vincent Carelli. 18 min. 2000.

Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=50>.

Acesso em 17 de julho de 2014.